CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

NUMERO 1

PREÇO 1$00

ANO I

23/1/932

Na capa: — Janet Gaynor e Warner Baxter, numa cena de «O Papá das Pernas Altas»

CINEMA
SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

ASSINATURAS
Continente e Ilhas: Trimestre, 12$00, Sem. 24$00, Ano, 46$00 — Ultramar: Trimestre, 14$50, Sem. 29$00, Ano 56$00.

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.o
PORTO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Este numero foi visado pela comissão de censura

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Compos[illegible] nas oficinas da E[illegible] AQUILA
Rua Dr[illegible] dania, 312
PORTO

Paramount Films s.a.

a marca dos grandes exitos

Acaba de apresentar no TIVOLI de Lisboa, com o maior sucesso, o grande filme

Ruas da Cidade

com Sylvia Sidney e Gary Cooper

magistral realização de Ruben Mamoulian

RUAS DA CIDADE, que obteve em Lisboa consagração igual à que alcançou em todo o mundo, sendo elogiada como um dos mais perfeitos fonofilmes até hoje apresentados, será brevemente estreado no TRINDADE, do Porto

Ruas da Cidade

É UM FILME PARAMOUN

Nos estudios da "M-G-M", encontram-se os mais diversos tipos de girls, *capazes de satisfazerem os mais exquisitos paladares cinéfilos...*

O Cantinho dum Cinéfilo

Acaba de sair no «Diário do Govêrno» a portaria dissolvendo e louvando a comissão que havia sido nomeada oficialmente para estudar a industrialização da produção fono-cinematográfica em Portugal, comissão que apresentou já o seu relatório.

Congratulo me com o caso e felicito os membros da referida comissão.

Resta saber se ela não fez trabalho baldado, e se o relatório em questão não irá dormir aquela soneca que entre nós precede quási sempre a efectivação dos grandes projectos, se não a inutiliza, por vezes.

E' certo que tal relatório, que termina por mostrar a necessidade do auxilio do Estado na industrialização em referência, apenas muito ao de leve aborda as facilidades que ao Estado pertence conceder, e muito abstratamente as enumera. Mas, por isso mesmo, há que persistir no assunto, e não deixar que a oportunidade se perca.

Se não, quando começarmos a fazer cinema sonoro a valer — já o cinema sonoro está fóra de moda.

Tal qual como no «silencioso». Que afinal, quási nem principiamos a fazer filmes silenciosos, a valer!

■ ■ ■

João Portugal, o velho camarada que há anos se encontra em Hollywood, acaba de me escrever desculpando-se da sua falta de regularidade na correspondência que prometera para o jornal «Cinema», e assegurando-me uma futura assiduidade na remessa das suas notícias da «capital das imagens».

Agora, mais do que anteriormente, «Cinema» precisa bem da correspondencia de João Portugal, porque «Cinema» quer dar aos seus leitores uma desenvolvida informação cinematográfica, com todas as garantias de autenticidade, informação *up-to-date*, condigna com o seu aspecto gráfico e com as beneficiações que projectamos e que procuraremos ir pondo em prática. Em nome dos nossos leitores, um abraço de agradecimento a João Portugal.

■ ■ ■

Charles Delac, presidente da Camara Sindical Francesa de Cinematografia, escreveu ao «Film-Kurier», de Berlim, uma carta na qual protesta energicamente contra o facto de os filmes falados em alemão feitos em Paris não receberem na Alemanha o acolhimento lisongeiro com que a França tem recebido os filmes falados em francês, feitos em Berlim.

O sr. Delac pode ter razão. Mas também pode deixar de a ter.

Ora vejamos: Se os filmes falados em alemão feitos em Paris, que a França tem mandado para a Alemanha, forem da qualidade de «Sob os Telhados de Paris», «O Snr. Director», «O Rei dos Borlistas» e «O Milhão, o snr. Delac tem toda a razão no seu protesto. Mas se a França tem para lá mandado filmes em alemão do nível de alguns em francês que tem sabido impingir aos nossos alugadores — então fez muito mal em protestar.

Porque, os filmes em francês que a Alemanha tem mandado para França, são todos da força de «O Caminho do Paraíso», «A's Ordens de Vossa Alteza», «Em Redor dum Inquérito», «O Cruzeiro do Amor» e «Congresso que Dança». Bem mau!...

■ ■ ■

Na ocasião em que escrevo estas linhas, novos entendimentos deve haver em Paris, com a «United Artists», sobre a aquisição de «Luzes da Cidade» para Portugal.

Parece-me que se está procedendo muito mal. Continua-se com propostas para aquela casa, oferecendo-se, de-certo, quantias que o mercado português dificilmente poderá amortizar.

Conta-se com o nome de Chaplin. Com o exito do filme, lá fóra. Com a ansiedade do público. Mas esquece-se que «Luzes da Cidade», com todas as suas invulgares qualidades, pode não chegar a entusiasmar as nossas plateias. Esquece-se que o público, amimado como foi a época passada, exigente como está nesta época, quando lhe preguntarem, após a estreia: «Então, que tal, «Luzes da Cidade»?, pode muito bem responder a gaguejar: «Sim... não é mau... tem piada... vê-se!...»

E «Luzes da Cidade» custa ainda mais de dez mil dollars — e custará enquanto os nossos alugadores estiverem desconfiados uns dos outros, enquanto não fizerem entre si um pacto que todos cumpram.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

O Papá das Pernas Altas

Produção «Fox». Realização de Alfred Santell. Apresentado pela Companhia Cinematográfica de Portugal

PRINCIPAIS INTERPRETES

Janet Gaynor e *Warner Baxter*

Judy, uma pobre rapariga que a Mãi abandonou à nascença, foi recolhida e educada num orfanato. Mais velha do que todas as outras crianças, era adorada por elas, pois sabia trata-las com uma ternura que nunca lhes dispensaia a directora, a qual não só abusava da humildade de Judy, exigindo-lhe um esforço de trabalho superior às suas forças, como freqüentemente lhe fazia lembrar que estava ali por caridade.

Um dia, os bemfeitores do orfanato resolveram visita-lo. Ia com êles um milionario, Jervie Pendleton, que um imprevisto acontecimento inspirou a adoptar a pobre rapariga, internando-a num dos melhores colegios da capital. Mas, havia uma condição: nunca poderia saber quem era o seu generoso protector.

Judy só conseguiu ver a sua sombra atravez duma janela, e, mesmo assim, horrivelmente deformada, com umas pernas gigantescas, do que resultou Jervis ficar sendo para ela «O Papá das Pernas Altas»...

Visitando a sobrinha no colegio, Pendleton encontra-se com Judy. Sentem-se mutuamente atraídos e quando Judy lhe confessa que ama o seu desconhecido «Papá das Pernas Altas», Pendleton assegura-lhe que o Papá tambem a ama.

Pendleton manda Judy para a quinta da sua ama, a-fim de lá passar o verão. Depois vai ali de automovel para a ver. Na ideia de que êle venha de comboio, Judy vai espera-lo à estação. Quando Jervis chega à quinta encontra-se apenas com Jimmy McBride, estudante, que faz a corte a Judy. McBride diz a Pendleton que Judy e êle estão comprometidos. Pendleton, ferido, vai-se embora e não procura tornar a ve-la senão no dia em que ela completa o seu curso. Diz-lhe então que tinha ido à quinta para se declarar, mas que um obstaculo o havia impedido de o fazer. Ignorando a interferencia de Jimmy no caso, Judy supõe que êle se refere ao seu nascimento e afirma-lhe que, de facto, o obstaculo subsiste.

Depois de Jimmy completar o curso, Jervis oferece-lhe uma colocação, procurando fazer tudo quanto pode pelo futuro marido de Judy. Fica, porem, surpreendido quando o rapaz lhe explica que Judy está apaixonada por êle, Pendleton. Judy, que tambem se apressa a ir a casa de Pendleton, para preguntar ao «Papá das Pernas Altas» se pode casar com Pendleton, encontra-o no vestibulo, dá-lhe conhecimento do seu desejo e obtem como resposta que o «O Papá das Pernas Altas» a espera na biblioteca. Apressa-se a ir lá e, ao entrar fica sabendo que o seu apaixonado e o seu tutor, são uma e a mesma pessoa: «O Papá das Pernas Altas».

Janet Gaynor, numa cena de "O Papá das Pernas Altas"

Um bom «copain» em «O Caminho do Paraiso», garboso oficial em «As Ordens de Vossa Alteza», milionário de profissão e gatuno nas horas vagas em «Flagrante Delito», «montparno» em «A Margem Esquerda», Henry Garat aparece-nos agora em «O Congresso que Dança» — sentido, ó camaradas cinéfilas! — no papel de Alexandre I

CZAR DE TODAS AS RUSSIAS

Foto «UFA»

O inquérito do "Der Deutsche"

Como nos anos anteriores, o diário alemão «Der Deutsche» organizou em fim de 1931 o seu costumado inquérito, pelo qual pretende saber quais os filmes exibidos em 1931 que mais impressão fizeram. Esta pregunta é dirigida a vários actores, actrizes, jornalistas, realizadores, literatos e várias individualidades em destaque em todo o mundo, os quais, este ano, deram a maioria de votos a «Raparigas de Uniforme» («Maedchen in Uniform»), uma produção de Carl Froelich dirigida por Leontine Sagan, uma realizadora que está sendo muito discutida na Alemanha. E' curioso fazer notar que, de há 4 anos para cá, é a primeira vez que um filme alemão obtem a primeira classificação no inquérito do «Der Deutsche» e que a França, que nos ultimos dois anos obteve os primeiros premios, não conseguiu êste ano vêr qualquer dos seus filmes entre os 10 primeiros classificados. Eis os 10 filmes mais votados:

1.º — RAPARIGAS DE UNIFORME (Maedchen in Uniform), de Leontine Sagan, com Hertha Thiele e Dorothea Wieck, da «Deutsche-Filme-Gemeinschaft».

2.º — O CONGRESSO QUE DANÇA (Der Kongress Tanzt), de Erik Charell, com Lilian Harvey e Willy Fritsch, da «Ufa».

3.º — CIMARRON (Cimarron), de Wesley Ruggles, com Richard Dix e Irene Dunne, da «RKO-Radio».

4.º — A TRAGÉDIA DA MINA (Kameradschaft), de G. W. Pabst, com A. Granach, Fritz Kampers e Georges Charlia, da «Nero-Film».

5.º — MONTES EM CHAMAS (Berge in Flammen), de Karl Hartl e Luis Trenker, com Lissi Arna e Luis Trenker, da «Delac e Vandal».

6.º — O CAMINHO DA VIDA (Der Weg ins Leben), de Nikolai Eff, com N. Bataloff e J. Knrla, da «Meschrabpom».

7.º — SKIPPY (Skippy), de Norman Taurog, com Jackie Cooper e Robert Coogan, da «Paramount».

8.º — MATOU (M), de Fritz Lang, com Peter Lorre, da «Nero-Film».

9.º — MARROCOS (Morocco), de Josef von Sternberg, com Marlene Dietrich e Gary Cooper, da «Paramount».

10.º — O ASSASSINATO DE DIMITRI KARAMASOFF (Der Moerder Dimitri Karamassoff), de Fedor Ozep, com Anna Sten e Fritz Kortner, da «Terra-Film».

Damos a seguir as preferencias de alguns individuos a quem se dirigiu «Der Deutsche»:

Benito Mussolini, presidente do governo italiano — «Trader Horn», de Van Dyke.

Max Jungnickel, escritor alemão — «Matou».

P. A. Harlé, de «La Cinématographie Française» de Paris — «O Milhão», de René Clair.

Livio Pavanelli, actor italiano — «O Congresso que Dança».

Bré, de «Pour Vous», de Paris — «Ruas da Cidade», de Rouben Mamoulian.

Marie Dressler, actriz americana — «Fatalidade», de Von Sternberg.

André Maurois, escritor francês — «Jean de la Lune», de Marcel Achard.

Fritz Lang, realizador alemão — «O Caminho da Vida».

Camilla Horn, actriz alemã — «A Tragedia da Mina».

Gaston Thierry, do «Paris-Midi», de Paris — «O Congresso que Dansa».

René Clair, realizador francês — «L'Ennemi dans le Sang», de Walter Ruttmann.

Dr. Spiros Markezinis, do «Kinematographikos Astir», de Atenas — «Marrocos».

Bob Reel, do «Chicago Evening American», de Chicago — «Cimarron».

Gustav Ucicky, realizador alemão — «Matou».

Albert Préjean, actor francês — «O Congresso que Dança».

Jean Renoir, realizador francês — «L'Opera de 4 Sous», de G. W. Pabst.

Jack Alicoate, do «Film Daily», de Nova-York — «Cimarron».

Conrad Veidt, actor alemão — «Matou».

Dr. Joachin, tecnico da «Zeiss Ikon», de Dresden — «Monte em Chamas».

Charlie Chaplin, actor do cinema americano — «Enthusiasmus», de Werthoff.

Alexandre Arnoux, de «Les Nouvells Litéraires», de Paris — «L'Opera de 4 Sous», de G. W. Pabst.

Jeanette MacDonald, actriz americana — «Skippy».

Hans-Walter Betz, do «Der Film», de Berlim — «Raparigas de Uniforme».

Dr. Alphons Nobel, chefe da redacção do «Der Deutsche», de Berlim — «Rango».

Asta Nielsen, actriz do cinema alemão — «O Milhão», de René Clair.

Paul Fejos, realizador, em França — «Transatlantic», de K. Howard.

Otto Kantureck, operador alemão — «L'Opera de 4 Sous», de G. W. Pabst.

J. B. Carrigan, do «Movie Makers», de Nova-York — «Tabu», de Murnau.

Willy Forst, actor alemão — «Matou».

Guenther Stapanhorst, produtor alemão — «Raparigas de Uniforme».

Alberto Cavalcanti, realizador em França — «Ruas da Cidade», de Ruben Mamoulian.

Diana Karenne, actriz do cinema alemão — «L'Opera de 4 Sous», de G. W. Pabst.

Paul Roth, do «Film Group», de Londres — «O Assassinato de Dimitri Karamasoff».

Paul Bern, realizador na América — «Ruas da Cidade», de Ruben Mamoulian.

Albert Schneider, do «Film-Journal», de Berlim — «Raparigas de Uniforme».

Alberto Armando Pereira, do «Cinema», de Porto — «Matou».

A próxima fita de Maurice Chevalier será principiada em Março

"Love Me Tonight" ("Ama-me esta noite"), a próxima fita de Maurice Chevalier para a "Paramount", será principiada em Março, sob a direcção de Rouben Mamoulian, o famoso director de "Ruas da Cidade".

Jeanette MacDonald é a primeira actriz, tendo o pequeno Robert Coogan um dos principais papeis da película.

A título de curiosidade, damos a seguir as listas dos filmes premiados em 1928, 1929 e 1930:

1928

1.º — O PATRIOTA, de Lubitsch, com Emil Jannings.
2.º — JOANA D'ARC, de Carl T. Dreyer, com Falconetti.
3.º — O CIRCO, de Chaplin, com Chaplin.
4.º — ESCORIA SOCIAL, de Von Sternberg, com Bancroft.
5.º — SOMBRAS BRANCAS, de Van Dyke, com Raquel Torres.
6.º — A ULTIMA ORDEM, de Von Sternberg, com Jannings.
7.º — A HORA SUPREMA, de Frank Borzage, com Janet Gaynor.
8.º — O FIM DE ST. PETESBURGO, de Poudovkin, com A. Tschidiakoff.
9.º — A MULTIDÃO, de King Vidor, com James Murray.
10.º — O CANTO DO PRISIONEIRO, de Joe May, com Lars Hanson.

1929

1.º — OS NOVOS SENHORES, de Feyder, com Albert Préjean.
2.º — ALELUIA, de King Vidor, interpretada por negros.
3.º — O CANTOR LOUCO, de Lloyd Bacon, com Al Jolson.
4.º — PRISIONEIROS DA MONTANHA, de Arnold Fanck e G. W. Pabst, com Leni Riesnstahl.
5.º — O CADAVER VIVO, de Fedor Ozep, com Poudovkin.
6.º — SOLIDÃO, de Paul Fejos, com Barbara Kent.
7.º — TEMPESTADE NA ÁSIA, de Poudovkin, com Inkischinoff.
8.º — A PARADA DO AMOR, de Lubitsch, com M. Chevalier.
9.º — AS DOCAS DE NOVA-YORK, de Von Sternberg, com Bancroft.
10.º — ATLANTIC, de Dupont, com Lucie Manheim.

1930

1.º — SOB OS TELHADOS DE PARIS, de René Clair, com A. Préjean.
2.º — A OESTE, NADA DE NOVO, de Lewis Milestone, com Lew Ayres.
3.º — O ANJO AZUL, de Von Sternberg, com Marlene Dietrich.
4.º — QUATRO DE INFANTARIA, de G. W. Pabst, com Gustav Diesl.
5.º — ANNA CHRISTIE, de Clarence Brown, com Greta Garbo.
6.º — ZWEI HERZEN In 3/4 TAKT, de Geza von Bolvary, com Grett Theimer.
7.º — COM BYRD NO POLO SUL, de Joseph Rucker e Willard Van der Beer.
8.º — BRAND IN DER OPER, de Carl Froelich, com Gustav Gruendgens.
9.º — O PRESÍDIO, de George Hill, com Wallace Beery.
10.º — DESENHOS ANIMADOS DO RATO MICKEY, de Walt Disney.

Como complemento, devemos acrescentar que, no inquérito de 1931, os filmes mais votados, depois dos 10 indicados, foram: «O Milhão», de Ren é Clair, «Tabu», de Murnau, «An American Tragedy», de Von Sternberg, «Street Scene», de King Vidor, «Trader Horn», de Van Dyke e «Rango», de Ernst Schoedsack.

Janeiro é um mês de muito trabalho nos estúdios da «M-G-M»

O mês de Janeiro apresentou-se com boa cara, porque tem havido muito que fazer nos estúdios da "M-G-M".

Joan Crawford, que há pouco terminou "Possessed", está já interpretando "Letty Lynton" sob a direcção de Clarence Brown. Marie Dressler e Polly Moran, que actualmente formam um team *em comédias que teem sido muito apreciadas, preparam-se para interpretar "Prosperity", que Leo McCarey dirigirá. "Grand Hotel" deve ser começada por êstes dias, com Greta Garbo na protagonista. O realizador Tod Browning começou já os preparativos para a sua próxima fita, ainda sem título fixado, cuja acção decorre nos mares da China.*

Nesta semana fazem anos:

Jan. 22 — Conrad Veidt.
22 — David W. Griffith (realizador).
23 — Raymond Griffith (37).
23 — Harry Pollard (realizador).
24 — S. M. Eisenstein (realizador).
24 — Paul Fejos (realizador).
24 — Jack Hoxie (42).
25 — Louise Fazenda (33).
27 — Willy Fritsch.
28 — Ernst Lubitsch (realizador).
28 — Charles Morton (25).
29 — Albert Conti.

É assim se escreve a história...

O nosso correspondente em Hollywood, João Portugal, acaba de nos escrever uma carta, que hoje não podemos publicar, por falta de espaço, mas que inseriremos no próximo número.

Acompanhando essa carta, vem um recorte dum jornal americano, que nos apressamos a reproduzir, para que não perca a oportunidade. Nele se dá

"Spri
try's farce, "
ng Clothes"; Alfred Sa
ressmaker of Paris," and Micha
Arlen's "Lily Christine."

Portuguese-Brazilian Film Co.

Lisbon—Leitao de Barros, prominent Portuguese film producer, has gone to Brazil to look into the possibilities of forming a joint Portuguese-Brazilian company for the production of talking pictures in Portuguese. He represents the Junta of National Education and will make his report to the government.

Shorts at Joinville

Paris—Paramount is to emba
short subject prod
studio.

conta da *partida de Leitão de Barros para o Brazil, onde foi estudar as possibilidades da formação duma companhia luso-brazileira para a produção de filmes em português...*

Quem seria o correspondente que enviou para a América tal notícia? E' assim que se escreve a História...

O Reino dos Feios

Os tempos vão mudando e o cinema evoluciona em busca de ideais mais artisticos e mais perfeitos. As sombras animadas tornam-se humanas e falam; as histórias primitivas e absurdas, com heroís irreais, com salvações de folhetim e finais de beijos inevitáveis, desaparecem para dar lugar a enrêdos lógicos onde se debate um conpuras, a harmonia estética de um galã de correctas feições. Na verdade, o cinema tem estado cheio de rapazes que só contavam com as suas feições e que não mostravam um gesto inteligente através dos seus olhos sonhadores.

Em geral, as meninas cinéfilas e românticas sentiram-se sempre satisfeitas

Da esquerda para a direita. Em cima: William Powell, Jack Oakie e George Bancroft. Em baixo: Victor Mac Laglen e Maurice Chevalier

flito, — e os galãs de rôsto perfeito, de nariz bem lançado e de cabelo engomado e lustroso vão cedendo o lugar a homens maduros, de aspecto varonil e rude, — mas mais riais, mais arrancados à vida diária que os astros lindinhos das películas mudas de alguns anos.

Seria um êrro discutir a necessidade da beleza física, o agrado das linhas com a beleza dos galãs queridos, e ainda hoje tem mais popularidade no elemento femino um Buddy Rogers do que um George Bancroft.

Triste futuro estava reservado ao cinema se a condição essencial de agrado fôsse única e exclusivamente a beleza física do galã, com absoluta omissão das suas qualidades intelectuais ou emotivas.

A «Paramount» foi uma das primeiras emprêsas a pôr em destaque elementos de valor, mas que não eram meninos bonitos. Referimo-nos a George Bancroft e a William Powell, duas personalidades cheias de dinamismo e de actividade, mas com feições que fàcilmente os fariam triunfar num concurso de fealdade...

Alguns mêses depois do triunfo de Bancroft e de Powell entrava em Hollywood o grande Maurice Chevalier, heroi de «boulevard» com uma personalidade magnética e atraente como poucos actores possuem, e que já não é novo nem bonito... Mas Maurice Chevalier é varonil, tem expressões humanas e è um homem em toda a significação da palavra. Por isso reüne todas as condições de agrado para o público de hoje, — que já está cansado de lindas caras, mas sem expressão.

Cecil B. de Mille, sem dúvida um dos génios directoriais mais completos da indústria cinematográfica, deu o papel principal da sua película «Dinamite» a Charles Bickford, um actor já de certa idade que possui o tipo rude de um trabalhador do povo, mas que põe na sua interpretação toda a emoção e todo o sentimento humano. O êxito de Charles Bickford foi formidável, e até as raparigas novas se impressionaram com o aspecto varonil dêste galã de quarenta anos, mas que encarna com uma fôrça estranha todo o espírito lutador da sua raça.

Os estúdios da «Fox», cansados de esperar inutilmente um êxito semelhante a «A Hora Suprema», — pensando erradamente que a maior parte do triunfo se devia a Charles Farrell e a Janet Gaynor, quando na realidade foi principalmente a coincidência de um bom tema e de uma boa realização —, voltaram aos seus antigos caminhos e procuram ocasiões de mostrar os feios Victor MacLaglen, Edmund Lowe e Warner Baxter, actores de caracter, que já não são positivamente uns jóvens e que estão muito longe de ser o tipo ideal dos galãs de cinema, — mas que encaram a graça varonil de homens que lutaram e que souberam viver e que podem representar no «écran» os tipos caracteristicos da vida americana.

Lon Chaney foi um dos primeiros actores que sem condições de beleza física abriu caminho no cinema: quem sabe se não se deve a êle o começo desta campanha que está a produzir uma elevação artistica na qualidade dos intérpretes que aparecem no cinema.

Hoje em dia as fitas faladas exigem um enorme trabalho por parte do realizador e dos intérpretes. Todos teem de estudar o têma conscienciosamente, as frases do diálogo que teem de recitar, sem abandonar uma certa linha estética que a câmara exige para

O público não gosta de os vêr juntos

Tanto Douglas Fairbanks Filho como a sua gentil esposa Joan Crawford teem suficiente personalidade no mundo do cinema para que a glória de um não dependa da glória do outro. Isto é evidente. Se há par que reuna em si simpatia de parte a parte, é êste. Todavia, os funcionários da «M-G-M» começaram a notar ha algum tempo que, a-pesar da popularidade de Joan, a receita diminuia consideravelmente em todos os cinemas onde se passavam as suas películas.

Depois de procurarem saber a que era devido êste raro acontecimento, descobriram que o público se cansou de vêr em toda a parte o gentil par Crawford-Fairbanks, pois lhe «repugna» pensar que essa estupenda e inquieta loira que é Joan gasta os melhores anos da sua vida a tratar dos labores domésticos, a remendar as piugas do marido, etc., etc.

O público quere que Joan seja uma rapariga tentadora, ágil, frívola, — como em antes de encontrar «o grande amor da sua vida»...

Os encarregados da publicidade imediatamente suspenderam as suas fotografias a «duo», as cenas ternas e apaixonadas com que se popularizou o simples e forte amor dos dois jóvens. E até êles próprios decidiram simular a comédia do «esfriamento» entre os dois, pondo ponto final nas demonstrações públicas da sua mutua paixão e afecto.

Mas Hollywood anda escandalizada, pois não sabe se ha-de aceitar esta versão, ou se ha-de acreditar os que falam despeitados e invejosos da felicidade tranquila e serena daquele amoroso par. Estes últimos dizem que há algum tempo a esta parte cada um anda por seu lado... Que se divertem e flartelam separadamente... Há quem afirme até ter visto Doug levar no seu automovel para a praia uma desconhecida e esquisita morena... São boatos sem fundamento... Os dois jóvens estão tam enamorados como no princípio do seu idílio, e apenas querem simular êsse «esfriamento» e até uma possível ruptura para satisfazerem as exigências dos funcionários do departamento da publicidade, encarregados de manter a chama sagrada da admiração e prestígio dos artistas, muitas vezes a troco da sua dignidade e vergonha como homens. Os que se interessam pelo cinema não querem que êste par se dedique aos consagrados usos dum pacífico lar. E' então preciso dar lugar a murmurações e boatos...

Teremos agora um novo tema: o alheamento dêsses dois jóvens, os escândalos da sua conduta em pú-

Joan Crawford e Douglas Fairbanks Junior, os dois enamorados esposos que o público não gosta de vêr juntos, mas que nós tivemos o capricho de juntar nesta foto

---

que a fotografia e os efeitos de luz que o público cinematográfico tanto admira não desapareçam. Por isto redobraram as dificuldades de interpretação e foi necessário selecionar os intérpretes de acôrdo com as legitimas condições artísticas. Foi assim que se abriram as portas do cinema a actores que pela sua idade ou tipo estavam muito longe de serem os modêlos fotogénicos que o cinema há alguns anos exigia para todos os tipos de interpretação.

O espectáculo cinematográfico vai, pois, abandonando lentamente os limites de certa classe de público — a gente nova, que deseja passar algumas horas de agrado —, para se converter numa distração para todos, para tôdas as culturas e tôdas as camadas sociais.

A gente môça continuará a apreciar o tipo de películas que desejam, — as histórias sãs, em que triunfa a bondade, e onde os protagonistas principais são jóvens e belos. Os argumentos ótimistas de moral ligeira continuam a ser bem apreciados pelas pessoas que encaram a vida a rir. Mas para os outros, para os sizudos, aparecem agora outros tipos de argumentos, com paixões, bocados de humanidade levados da vida para a tela, em que os principais intérpretes, sem pensar demasiadamente em linhas estéticas, em olhos lânguidos e lábios recortados, actuam como sêres humanos que sofrem, sentem e vivem.

blico, o barulho dos seus menores gestos...

E êles continuarão na calma do seu lar a rir-se da estupidez dos «fans» e dêstes caprichos tam tolos...

Por detrás dêste assunto, que parece tam inocente, há alguma coisa que demonstra uma certa morbidez doentia. O público anónimo prefere o escândalo, a agitação dos desejos irrefreáveis, o pecado.. O simples e honesto cidadão, a esposa honrada e virtuosa, que não teem coragem de fazer uma vida desregrada, gostam de ir ao cinema apreciar as vidas escandalosas dos outros...

Uma outra razão em favor desta separação é que inconscientemente certas pessoas começam a abominar o casamento como único modo de estabelecer o amor em bases duradoiras. Pensam, e com razão, que uma coisa é o amor e outra o casamento baseado em considerações de ordem mais prática do que sentimental. Nas novelas, nos teatros, no cinema todos querem ver essa renovação nas relações amorosas. E assim, no caso de Douglas e de Joan, querem-nos admirar cada um separadamente, querem que cada um dêles, sendo um artista de renome, siga independente no seu caminho...

Está decidido que Greta Garbo interpretará «Grand Hotel, para a "M-G-M"

A despeito das dúvidas e dos boatos que surgiram ultimamente na América, Greta Garbo, segundo comunicação oficial que acabamos de receber da "M-G-M", interpretará o papel de Grusinskaja, a dançarina russa que é a protagonista da obra de Vicki Baum, que aquela casa vai começar filmando dentro de poucos dias.

Ainda não foi escolhido definitivamente o restante elenco da película, sabendo-se apenas que será dirigida por Edmund Goulding.

"Grand Hotel" será a sexta fita falada de Greta Garbo. As cinco anteriores foram "Anna Christie", "Romance", "Inspiration", "Susan Lenox" e "Mata Hari".

A "M-G-M" pensa fazer de "Grand Hotel" uma super-produção de grande luxo, estando a direcção artística a cargo de Cedric Gibbons, arquitecto-decorador americano dos mais apreciados, de quem teem sido apresentados entre nós muitos trabalhos.

Efemérides da semana

22 a 29 de Janeiro

Jan. 22 (1931) — Morre em Los Angeles a actriz Alma Rubens.
23 (1895) — Nasce em Boston, Mass., o actor Raymond Griffith.
24 (1898) — Nasce em Riga o realizador S. M. Eisenstein.
26 (1920) — Estreia-se no «Olímpia» e no «Chiado Terrasse», de Lisboa, a fita «Charlot Bombeiro», com Chaplin.
28 (1925) — A actriz Gloria Swanson casa com o Marquez de La Falaise.

Pelos nossos Cinemas

O CONGRESSO QUE DANÇA (Der Kongress Tanzt): — A «Ufa», incontestávelmente a primeira casa produtora da Europa, a única que, dentro das casas europeias conhecidas, trabalha com «organização», tem sido felicissima com as versões francesas que nos tem apresentado dos seus fonofilmes. De boa *mascote* lhe serviu «O Caminho do Paraíso», caminho aberto a uma série de filmes que são do melhor que o fonocinema nos tem dado. E, caso curioso, tem sido aquela casa alemã a que melhores filmes em língua francesa tem produzido (com excepção de duas ou três películas feitas por firmas de França), dando, assim, uma esplendida lição aos produtores franceses, os quais, no entanto, nem com tal incentivo parecem espicaçar os seus processos, de forma a conduzi-los a um desejável predomínio da qualidade sôbre a quantidade...

«O Congresso qua dança» é um novo grandioso trabalho da «Ufa», é, talvez, a mais grandiosa das suas obras fonocinematográficas. Só a «Ufa» poderia, na Europa, arcar, presentemente, com a responsabilidade de uma tal produção, onde tudo é grandesa, onde tudo é luxo, onde tudo é riquesa, onde há um formidável trabalho de *mise-en-scene, mise-en-scene* mais no sentido teatral do que na acepção de realização fílmica.

De toda essa riquesa, de todo êsse luxo, de toda essa grandesa, manejada proficientemente pelo realizador Erik Charell, sob o olhar prático e orientador

de Eric Pommer, resulta um cosmorama maravilhoso, uma série de quadros enebriantes de beleza visual, onde a gente se perturba se quizer escolher elementos preferidos de agrado, onde se não sabe o que mais admirar, se a alegria que permanentemente se respira no decorrer de todo o filme, que é uma sucessão de baforadas de ar puro a dar-nos a satisfação de viver, se a exuberância de toda aquela faustosa encenação, onde não foi despresado o mais pequeno acessório que pudesse contribuir para a riquesa uniforme da produção, revelando Erik Charell — que me afirmam director teatral de grande mérito e um mestre de baile de reputação firmada na Alemanha — um realizador de enormes possibilidades, se o desempenho, verdadeiramente colossal, de Lilian Harvey, que tem na agarotada Christel a mais completa interpretação de toda a sua carreira, interpretação que maravilha pelo à-vontade, pela naturalidade que ela imprime a cada gesto da sua personagem, quer em diálogos ou cenas de conjunto, em que é sempre a figura central, sôbre quem incidem todas as preocupações, *pivot* à volta do qual gira toda a atenção do público, sempre ripostando à maravilha, correcta e precisamente, quer em monólogos em que a sua graciosidade e as suas predisposições terpsicóricas recortam a sua figura e fazem dela um idolo que cada espectador fica adorando.

Se Erik Charell, na maior parte do filme, se preocupou mais com o aparato cénico, pretendendo deslumbrar com visões de grande efeito espectacular — e conseguiu-o amplamente — nem por isso deixou de dar a «O Congresso que dansa» alguns trechos de bom cinema, onde existem pedaços da boa técnica que só os grandes realizadores possuem, onde não faltam quadros e sequências a demonstrarem claramente que uma boa dose de inteligência presidiu à sua produção. O *traveling* que acompanha a carruagem que conduz Christel à sua principesca residência (e, entre parentesis, que encantadora fotografia, aquela em que a carruagem aparece silhuetada, marginando o rio!); a última reunião do Congresso, em que os delegados se afastam ao convite das deliciosas valsas, deixando apenas as cadeiras baloiçando-se no mesmo ritmo musical; a mutação da cena dos bailados populares fundindo-se com a dos *balets* russos no Teatro da Ópera — prodígio cinematográfico que envergonha os mais modernos e avançados processos teatrais; e outros, alguns outros quadros, são felicissímas e evidentes provas da grande imaginação e inteligência de que Erik Charell pode dispôr no manejo da camara e do microfone.

A destacar em «O Congresso que dança» o conjunto interpretativo onde todos são esplendidos artistas. Lilian Harvey, de que já falei, e que tem aqui o seu maior desempenho; Henry Garat, que, não sendo o magnífico intérprete de «O Caminho do Paraíso» e «A's Ordens de Vossa Alteza», tem, no entanto, no seu duplo papel, motivos amplos para sêr posto em evidência; Armand Bernard, que continua afirmando-se um extraordinário cómico, que o público já fixou; Pierre Magnier, artista consagrado que interpréta comedidamente Metternich — esplendidos os seus comentários na censura da correspondencia; Lil Dagover, de aristocrática beleza e Robert Arnoux, talvez o mais fraco, mas defendendo-se do ingrato personagem do apaixonado secretário, todos formam um conjunto do maior agrado, elemento de primordial colaboração no exito do filme.

Perturbando, embora que muito superficialmente, a excelência da produção, apenas a isenção de peripécias que façam ressaltar o valor da história, que aparece pouco desenvolvida — narrativa demasiado concentrada, a dar saliência aos quadros espectaculosos; e, o que se me afigura mais prejudicial, o remate da obra. Aquele regresso de Napoleão a França e a retirada dos congressistas

para os respectivos paizes, surgem intempestivamente e precipitam, cinegràficamente, a acção. Mas tal precipitação perdoa-se e esquece-se ante as outras qualidades, maravilhosamente belas, desta super-produção. E até no quadro final da despedida, que a certos espectadores pareceu contrariar (se calhar, queriam que o Czar da Rússia casasse com a luveira!...), perfeitamente humano, não falta uma inteligente cooperação sonora — a valsa cantada, que explica:

Ce n'est qu'un rêve, un joli rêve,
Mais bien trop beau pour qu'il soit vrai!
C'était un songe, un joli songe,
Qui s'évapore et disparait!

Autores: N. Falk e Robert Liebmann. Cenaristas: Os mesmos. Adaptador francês: Jean Boyer. Autor musical: Werner Heymann. Realizador: Erik Charell. Intérpretes: *Christel*, Lilian Harvey; *Alexandre I.º da Rússia*, Henry Garat; *Uralsky*, Henry Garat; *Bibikoff*, Armand Bernard; *Metternich*, Pierre Magnier; *Pepi*, Robert Arnoux; *A Conaessa*, Lil Dagover; *Tayllerand*, Jean Dax; *A Princesa*, Odette Talazac; *O Ministro das Finanças*, Sinoel; *O "Maire" de Viena*, Paul Olivier; *O Cantor*, Tarquini d'Or.

Produzida em 1931 pela «UFA» (Erich Pommer). Programa Agencia Cinematográfica H. da Costa, L.da. Estreada do «Aguia d'Ouro» em 18 Janeiro 1932.

O AMOR ENTRA PELA JANELA (Oh, for a man!) — Aproveitando o nome de Jeanette MacDonald, que é, de facto, no cinema sonoro, um elemento muito apreciável, que já conquistou o público suficiente para lhe dar a categoria de *box-office attraction*, graças à sua voz primorosa, à elegância do seu porte, à sua beleza e ao seu talento histriónico — porque, é preciso não esquecer, Jeanette MacDonald tem dado provas de uma grande actriz de comédia — aproveitando o nome de Jeanette Mac-

Donald, dizia, a casa «Fox» fez uma comédia ligeira, sem grande envergadura nem responsabilidades criadoras, onde aquela actriz brilha, mas sósinha, despida de quaisquer elementos que a suportem e deem ao filme o centro de gravidade necessário à sua estabilidade...

O cenário apresenta-se como o ponto fraco da obra. O argumento que lhe serve de base tem qualidades que poderiam ser o fulcro de uma realização fílmica de mérito, se estivesse cenarizado com saber ou, pelo menos, com habilidade. Mas todo o recorte cénico é da mais extrema banalidade, a continuidade é feita, na sua maior parte, à custa de quadros bastante dispensáveis, e, no todo, é de um convencionalismo que apenas com muito boa vontade se suporta.

Jeanette MacDonald é, como digo, o único valor do filme. Canta maravilhosamente, e, como o realizador Hamilton MacFadden não abusou das suas qualidades líricas, é uma delícia ouvi-la. E no desempenho propriamente dito, evidenciou bem o seu grande valor de comediante. O seu desespêro pela vulgaridade dos amores que se lhe proporcionam, o seu desejo de uma paixão forte, por que suspira de há muito, a sua alegria, quando conquista o homem que ama, a sua tristeza quando se vê abandonada, e outras mutações do seu estado d'alma, vivem a mais perfeita exteriorização em Jeanette MacDonald, que se afirma tam primorosa actriz como excelente cantora.

Mas é só.

Reginald Denny adaptou-se mal ao papel de profissional do roubo por quem se apaixona a cantora. Actor especialisado na comédia, na comédia cómica, não se sente bem na capa daquela personagem pouco simpática que passa todo o filme de mau humor. Parece que os seus gestos são forçados, que a rigidez das suas atitudes o incomodam grandemente, como colarinho engomado em pescôço de saloio... Foi francamente mausinho, porque mau é já o papel que lhe confiaram.

Marjorie White, mocidade radiosa que gosto de admirar depois que a vi em «Sonho Côr de Rosa» e «1980», aparece fugidiamente, numa figura muito aquem do seu valor. E é pena.

«O Amor entra pela janela» é uma comédia musical que não vai muito além da mediocridade. E se a ultrapassa, deve-o a Jeanette MacDonald, que é uma actriz de grandes recursos, que se vê com o maior prazer.

Autor: Mary F. Watkins — «Stolen Thunder». Cenaristas: Philip Klein e Lynn Starling. Fotógrafo: Charles Clarke. Director de som: E. Clayton Ward. Realizador: Hamilton Mac Fadden. Intérpretes: *Carlota Manson*, Jeanette MacDonald; *Barney, o gatuno*, Reginald Denny; *Laura*, Alison Skipworth; *Totsy*, Marjorie White; *O boxeador, marido de Totsy*, Pug Morini; *Frescatti, professor de canto*, Bela Lugosi; *Robert, agente de Carlota*, Albert Conti; *O maestro*, André Cheron.

Produzida em 1930 pela «FOX.» Programa Companhia Cinematográfica de Portugal (Secção FOX). Estreada no «Trindade» em 19 Janeiro 1932.

OS CIVILIZADORES — (Fighting Caravans) — Depois de «Caravana Gloriosa», que há anos foi apresentada com Warren Kerrigan e Lois Wilson, nunca mais vi uma fita que a sobrepujasse, no género. «Os Civilizadores» assemelha-se-lhe no entrecho, mas é um pálido reflexo da realização, tam pálido que nem sequer chegam a impressionar-nos intimamente alguns quadros que possui de certa majestade visual, que uma boa fotografia esmalta.

A acção é toda conduzida por diálogos, conversa permanente que fatiga, cenas que monotonizam pela sua repetição, apenas suavizadas, no final, pelo combate travado com os índios, que é o *clou* da película.

Otto Brower e David Burton, que a dirigiram, mostram-se pouco familiarizados com a técnica do fonocinema e não produziram trabalho digno de apreço.

Gary Cooper e Lily Damita, nas figuras aparentemente primordiais, muito abaixo das suas possibilidades. Destacam-se no desempenho Ernest Torrence e Tully Marshall, dois veteranos que se impõem por um notável desempenho — e

êsses, sim, são, na verdade, os dois principais intérpretes.

E é só.

Autor: Zane Grey. Cenaristas: Edward E. Paramore Jr., Realizadores: Otto Brower e David Burton. Intérpretes: *Clint*, Gary Cooper; *Felice*, Lily Damita; *Bill, um guia*, Ernest Torrence; *Jim, outro guia*, Tully Marshall; *Lee Murdock*, Fred Kohler; outros intérpretes: Eugene Palette, Roy Stewart, May Boley, James Farley, James Marcus, Eve Southern, Donald MacKenzie, Sid Saylor, Frank Campeau, E. Allyn Warren.

Produzida em 1930 pela «Paramount». Programa Paramount Films S. A. Estreada no «Olimpia» em 18 Janeiro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Conradt Veidt, que ainda há pouco vimos em «Os 13 herois», vai aparecer no Teatro «Volkstheater», de Viena, interpretando a peça de Hermann Rossmann «Flieger» («Aviador»). A estreia terá lugar em 6 de Fevereiro.

Na América, estão tratando de sincronizar com música e diálogo a antiga fita alemã «O Gabinete do Dr. Caligari». O diálogo está sendo escrito por William A. Bacher, e a música por Hugo Riesenfeld, o director musical da «United Artists».

Lupe Velez está interpretando a versão espanhola da fita «Men ir Her Life» («Homens na sua vida»), da «Columbia». Ramon Pereda é o primeiro actor.

O realizador russo W. Tourjansky, de quem vimos há pouco «L'Aiglon», vai produzir para a «Osso» uma fita intitulada «Le Don Juan du Métro».

«Se uma pessoa surda compreender bem uma fita falada, é porque essa fita está basicamente bem feita. A fita que precisar de ser ouvida para ser compreendida, está defeituosa. O diálogo e efeitos sonoros devem servir apenas para realçar o valor visual da película».

— Rouben Mamoulian, realizador do filme «Ruas da Cidade».

A vida íntima de

Mary Brian

Mary Brian é uma dessas rapariguinhas ingénuas e sossegadas, — mas não se esqueçam de que estas raparigas inocentes e adoráveis são as que causam mais transtôrno e fazem perder a cabeça aos homens... Em Hollywood, por exemplo, esteve em moda Rudy Vallee, conhecido pelo nome de «rei do saxofone», e que conseguiu alvoroçar o elemento feminino da Cinelândia... As «vamps» tinham requebros airosos e deitavam-lhe olhadelas devoradoras... As «flappers» abraçavam-o quando acabava de tocar no seu saxofone, e até lhe davam sonoros beijos... As casadas suspiravam com melancolia por não poderem fazer nada... E as solteironas já entradas em idade sofriam síncopes ao ouvir pelo rádio as suas canções de amor...

Trouxeram da Califórnia este ladrão de corações femininos para actuar na película «The Vagabond Lover» — («O amante vagabundo») —, e foi num jantar que conheceu Mary Brian... Rudy Vallee teve de permanecer sentado durante as horas seguidas que duraram os sete pratos do jantar, e foi um verdadeiro suplício ter de esperar tanto tempo para ser apresentado à encantadora Mary... Há quem diga que depois compensou o tempo perdido, — pois Mary, a ingénua, conseguiu conquistar o seu coração... Quando Rudy contempla os olhos grandes e azuis de Mary, perde-se na sua admiração e até se esquece do seu pobre saxofone...

Comem juntos com frequência e Rudy levou-a uma vez ao circo: viram-nos de mãos dadas, como os petizes que veem da escola... Levavam pacotes de «bombons» e chocolates... Não deixaram de ver nenhuma das atracções do circo, viram o homem mais alto do mundo, a mulher mais gôrda, os anões mais pequenos, — tudo o que chamaria a atenção das crianças... Deram de comer aos elefantes na palma da mão e estavam tam contentes que, quando menos o esperavam, um relógio perto bateu as onze horas da noite, com grande pesar dos dois jóvens, porque Mary não se esquece que tem de trabalhar e que são horas de recolher.

Nada dá a entender que Mary Brian fôsse tam agarrada aos regulamentos e aos horários. Por exemplo, uma das coisas de que ela mais gosta é de dançar, e nestas reüniões, por mais divertida ou contente que esteja, nada a faz esquecer da sua hora de descanso: — eis uma força de vontade que nem toda a gente tem!...

Quando Mary Brian toma o almoço no restaurante dos estúdios da «Paramount» e saboreia o seu prato predileto, — uma salada de frutas —, várias pessoas intentam saber se é verdade que se vai casar com Rudy Vallee...

Quando Mary filmava «The River of Romance», com Charles Rogers, ia muito a miudo com êle a certas reüniões, teatros, etc.; e logo o compromisso do seu casamento foi anunciado, comentado e discutido tantas vezes que o resultado foi muito natural: os convites de Charles passaram a ser aceites com menos freqüência, até que os dois jóvens deixaram de andar juntos. Ainda são bons amigos, mas já não dançam juntos no Cocoanut Grove ou no Roosevelt Hotel... Os boatos fizeram acabar um romance, que talvez tivesse começado com risonhas promessas...

Mary Brian é uma das estrêlas mais populares; e por isso, desde os ajudantes do assistente do «cameraman» até ao todo poderoso senhor Lasky, todos buscam uma oportunidade para falar com ela e para obter um dos seus carinhosos sorrisos, — e Mary sabe sorrir com uma doçura tam encantadora!...

Duas atitudes de Mary Brian, a formosa ingénua de Hollywood

JOAN CRAWFORD

«Vénus de Hollywood», é uma das mais consagradas actrizes do cinema da América. Aqui apresentamos uma das mais recentes e mais bonitas fotos da linda espôsa do feliz Douglas Fairbanks Junior